

CLARKE



R. LOVATO

CLARKE


novo século®
SÃO PAULO 2011

Copyright © 2011 by R. Lovato

COORDENADORA EDITORIAL Letícia Teófilo
PREPARAÇÃO DE TEXTO Alexandra Resende
REVISÃO Rafael Varela
Adriana de Souza
PROJETO GRÁFICO E COMPOSIÇÃO S4 Editorial
CAPA Equipe Novo Século

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lovato, Rafael

Clarke / Rafael Lovato. – Osasco, SP : Novo Século Editora, 2011.

1. Ficção brasileira I. Título. II. Série.

11-00364

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2011

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Centro Empresarial Araguaia II – Alameda Araguaia, 2190

11º andar – Cj. 1111 – Alphaville – SP – Brasil – 06455-000

Fone | Phone: 55 011 2321-5080 - Fax: 55 011 2321-5099

www.novoseculo.com.br

atendimento@novoseculo.com.br

Para Philip K. Dick, Arthur C. Clarke, Isaac Asimov
e George W. Lucas.

Seus sonhos não se perderam.

...for James McSill, responsible for my awakening.

...e para Melissa, sempre a primeira a ouvir as histórias.



“...COMUNICAÇÃO COM INTELIGÊNCIAS EXTRATERRESTRES:
ISSO É ALGO QUE NUNCA PODE SER PLANEJADO – SOMENTE
PREVISTO. NINGUÉM SABE SE IRÁ ACONTECER AMANHÃ – OU
DAQUI A MIL ANOS. MAS IRÁ ACONTECER, ALGUM DIA.”

(Passagem final de “Epílogo: Após 2001”, por Sir Arthur
Charles Clarke, Colombo, Sri Lanka, novembro de 1982,
autor do livro *2001: Uma Odisseia no Espaço*.)



PRÓLOGO

UNIDADE DE CATÁLOGO: VIA LÁCTEA.

SISTEMA: HUMANOIDE. BASE DE CARBONO. PLANETA DE 4ª GRANDEZA.

MOTIVO: GLOBO COM VIDA. INTELIGENTE.

SIDERA É MEU NOME.

MINHA CIVILIZAÇÃO ANOTA ACERCA DO UNIVERSO. CALCULA. CONTA. OBSERVA.

SENTE AS ENTIDADES. CONCLUI.

MAS NÃO INTERFERE.

DESDE A FORMAÇÃO DESTE UNIVERSO ACOMPANHEI MARAVILHAS E TRISTEZAS.

MINHA FUNÇÃO É ORGANIZAR MEMÓRIAS. PARA NÃO SE PERDEREM.

AS PRESENTES NESTE ARQUIVO SÃO A RESPEITO DE ALGO NUNCA ANTES VISTO.

E QUE FOI PERDIDO.

E É POR ISSO QUE AS CATALOGO COMO TRAGÉDIA.

STATUS: ENCERRADO.

NECESSIDADE DE ACOMPANHAMENTO: NULA.

PRIORIDADE DE REPASSE: MÁXIMA.

DADOS DE CATÁLOGO ESTELAR: TRAGÉDIA. EXTINÇÃO DE RAÇA INTELIGENTE.



CAPÍTULO 1

“– Papai... Por que tem de ser assim?

– Muitas vezes acontecem coisas de maneiras que não previmos ou gostaríamos...

– Mas não é justo!

– Não é questão de justiça, meu amor. Viver é assim, e muitas vezes a evolução é aleatória. Conversamos a este respeito. Você não lembra?

– Não há o que possamos fazer?

– Podemos rezar.

– Estou com medo.

– Não tenha. Pense que, em pouco tempo, você poderá rever o vovô.

– Prefiro ficar com você...

– Estou aqui, minha menina. Estou aqui.

3... 2... 1...

Impacto.”

CAPÍTULO 2

“Falhei novamente.”

Segurava o impresso com a lista de aprovados no concurso público para as vagas no Curso de Formação de Sargentos.

“Semana difícil e frustrante.”

Desde os tempos de escoteiro, Thomaz sonhava em ser militar de carreira. Major, ou algo assim, que comandasse batalhões, andasse fardado e impusesse respeito por onde passasse. Porém, com 23 anos a realidade diferia do sonho. Era militar, mas permanecia no posto de Cabo.

“Desde que casamos, meu salário mal paga as contas. E Laís ainda quer engravidar! Impossível!”

Claro que ela poderia trabalhar. Mas ele não gostava da ideia. Foi criado de maneira a entender como sua a responsabilidade em prover o sustento da família.

“Sou o homem. Devo cuidar da minha mulher e filhos.”

Folgava naquela quarta-feira.

Descansava na pequena sala da casa. Olhava ao noticiário noturno em obsoleta tela de projeção bidimensional. E a inevitável conversa reascendeu:

– Acho que vou parar com o controle anticoncepcional neste final de semana – falou Laís, egressa da cozinha, que terminou de arrumar após o jantar.

Não podiam pagar uma empregada doméstica.

– Mulher, mulher! Acalme-se, pelo amor de Deus! Já falei que não é momento. Meu salário mal chega para nós dois, e ainda mais...

– Posso trabalhar...
– Discutimos isso várias vezes. Darei um jeito. Já falei. Só necessito de tempo – disse Thomaz, batendo a mão em uma das almofadas do sofá.

– O próximo concurso vai demorar! Além disso, não gosto de ficar sozinha em casa quando você trabalha à noite. Você sabe que tenho medo.

– Meu trabalho é esse. Você sabia quando casou comigo. Deveria ter escolhido outro marido, se quisesse um...

– É verdade! Bem que mamãe falou! Ela avisou que ser mulher de *milico* era uma merda! – bradou, irritada.

– Respeite-me, por favor.

Quando Thomaz terminou a frase, Laís não mais se encontrava ali. Foi para o quarto, pisando forte e batendo portas. Ele sabia que passaria a noite na sala. E o pior: sem seus dois gatos, *Marmaduke* e *Bulsara*. Certamente ela os manteria consigo.

Não conseguiu dormir.

Preocupava-se com contas, com a não aprovação no concurso, e principalmente com o rumo que o relacionamento tomava.

“As discussões pioraram. Magoamo-nos mutuamente. Cada vez mais nos falamos coisas desagradáveis. Mas amo Laís. Não quero perdê-la. E o pior é que sem o aumento de salário que o posto de Sargento concederia, chegamos num beco sem saída acerca de ter filhos.”

Mesmo pondo de lado o enorme custo monetário, existia o fato de não gostar de crianças. Não era paciente com os pequenos.

“Barulhentos, espaçosos, fedorentos, burros...”

Via o trabalho imenso que seu irmão mais velho passava com as duas filhas. Noites mal dormidas. Preocupações constantes. Escassez de dinheiro. A mulher engordara mais de 10 quilos.

“Longe de mim... E somos muito jovens!”

Cochilou absorto em pensamentos fracionados. Carrinhos de bebê. Laís enorme, gorda e barriguda. Perdeu o emprego, ambos morando na *Rua da Amargura*, pedindo esmolas.

Logo em seguida acordou. Taquicardia. Levantou-se do destruído sofá, o ‘afiador’ dos dois gatos. Foi à cozinha tomar água.

“Amanhã é outro dia. Com cada amanhecer, nasce nova esperança.”

CAPÍTULO 3

– Vamos para cima, mamãe? – perguntou Sophia, com pálpebras pesadas de sono. Passava das 21 horas.

Valente, esperou a chegada do pai. Mas não conseguia sequer ficar sentada no sofá.

– Vamos sim, filha. Já é tarde.

Queria ver papai. Ele saía cedo.

“Será que não gosta mais de mim?”

– Não... Esperarei mais um pouquinho.

Leonardo chegara tarde a casa nos últimos meses.

O processo de reestruturação da drogaria tomava muito de seu tempo.

“Se soubesse que esse ramo de negócios causaria tanto estresse, teria optado por outra profissão. Empregado em alguma empresa, quem sabe. Ou mesmo tentar concurso para cargos públicos. Como seria minha vida se não tivesse assumido tudo isso? Casa, mulher, filha, negócio próprio... Haveria mais felicidade, sozinho? Facilitaria?”

Mas não era momento para isso. Precisava arrumar a bagunça tanto contábil quanto de organização do estoque de medicamentos. Isto era prioridade. Uma das funcionárias furtara durante quase dois anos, e somente descobriu há poucas semanas atrás. Se não corrigisse esses problemas, num futuro nem tão distante poderia ter de ‘fechar as portas’.

Apesar de avanços no concernente a *softwares* de gerenciamento de empresas, a organização e acuidade dependiam das pessoas diretamente envolvidas. Especialmente medicamentos, artigos relativamente caros e vendidos em grandes quantidades. A conferência dos estoques deveria ser visual e diária.

E Leonardo aprendeu da maneira mais difícil.

“O olho do dono é o que engorda o boi” lembrava e repetia em sua mente enquanto fechava a porta frontal da drogaria.

– Isso é uma prisão – falou baixinho.

“Que canseira. Mas devo prosseguir.”

Sophia não levou muito tempo para adormecer sentada no sofá, esperando por Leonardo.

“Amada...”

Aline pegou a pequena dorminhoca no colo e subiu as escadas.

“O preferível era esperarmos para ‘encomendar’ o irmãozinho, ou irmãzinha, de Sophia.”

Programavam a segunda gravidez há mais de ano, mas não chegavam a consenso. *‘Não temos dinheiro!’*, repetia Leonardo sempre que falavam do assunto. *‘Se a drogaria estabilizar, então progrediremos nisso’*.

Ela sabia que intimamente ele desejava outra criança.

‘Temos tempo. Somos um casal jovem’, ele falava.

“Há coisas que é melhor não pensar muito.”

Acomodou Sophia na cama.

Ela sentou-se, de sobressalto.

– Pai Leonardo! Vamos pra baixo? – falou, esfregando as mãos nos olhos.

Mesmo criança, possuía noção de que deitar na cama significava não ver papai naquela noite.

Aline se resumiu a sorrir.

– Claro, meu amor. Ele chegará sem demora.

A pequena era teimosa. Sabia que não desistiria.

A caixa.

Leonardo a recebeu no final da tarde. Não sabia onde colocá-la. Agora a segurava debaixo do braço. Dificultava trancar a última fechadura da porta da farmácia. Colocou-a no chão.

O conteúdo gemeu. Desde que chegou, não parava de chorar.

“Isso é incomodação! No que eu pensava? Mas Sophia vai amar!”

Ajuntou-a. Dirigiu-se ao carro. Automaticamente, ligou o rádio.

“Quem sabe toque boa música.”

Mas o que ouviu foi um noticiário rápido:

‘...um objeto voador não identificado nos arredores de Marte. O Governo defende que se trata de nova espaçonave para colonizar o Planeta Vermelho. Porém, a velocidade desenvolvida pela bólida é espantosa, muito superior a qualquer propulsão vista na Terra. Vocês sabem como é o Governo Mundial, não é mesmo, queridos ouvintes? Só pode! Esconderam-nos o que ‘cozinham’ à custa de dinheiro dos contribuintes: vocês e eu. Isso é vergonhoso...’

“Não preciso de mais loucura.”

E desligou o aparelho. O veículo ficou em silêncio. Marte distava demais do seu dia a dia para sequer pensar a respeito.

“Vou me esconder. Esquecer dos problemas. Dormir uma semana. Sumir, um ano inteiro.”

Esfregou os olhos. As pálpebras fechavam, tamanho cansaço.

“Para que tudo isso? Carro novo, casa espaçosa, roupas de grife... Se eu vivesse em uma cabana, no meio do nada, comendo raízes e pescando, longe de tudo, facilitaria? Teria paz?”

Mas, ao passo em que questionava escolhas da vida, não vislumbrava o mundo sem Sophia. Apesar de tê-la visto pela manhã, sentia saudades.

“Tomara que ainda não dormiu.”

Entrava com o *Chevrolet* na garagem da casa geminada.

Não aguentaria esperar para presentear-la.

CAPÍTULO 4

“– Como foi o dia?

– Ótimo. Obrigado por perguntar.

– Podemos começar nossos testes? Preparado?

– Sempre.

– Eu sei. Você é ótimo aluno. Não canso de elogiá-lo aos outros professores.

– Passei a noite com dúvida. Não concluí qual equação aplicar ao cálculo volumétrico que tratamos.

– Hmm... Testou o resultado de ambas?

– Não.

– Tente. Em dúvida, meu amigo, vislumbre a consequência. Talvez lá resida a resposta que procura.”

“– Estamos satisfeitos com o progresso. Apesar de jovem, sua capacidade intelectual é impressionante.

– É verdade. Quem sabe possamos lhe confiar tarefas mais relevantes. É seu destino! Foi para isso que nasceu!

– Você é o responsável. Ele dará conta?

– Confio plenamente em suas habilidades.”

“– Descobrir algo dessa magnitude não me agrada.

– Como não? Você ficou famoso!

– Indesejada fama.

– *Que nada! Recém começou o trabalho e já fez diferença. Conseguiu nos dar tempo. Para planejarmos. Resolver o problema.*

– *Uma equação.*

– *Certamente. Matemática se aplica a tudo.*

– *E será tempo suficiente?*

– *Claro que sim.”*

“– *Culpam-me pelo ocorrido.*

– *Não. Os cálculos foram precisos.*

– *Mas o resultado não.*

– *Não há como prever tudo.*

– *Deveria haver...*

– *Há questões que independem de nossas habilidades. Não importa intelecto, conhecimento.*

– *Sentimentos...*

– *Sim. Importam.*

– *Mas não resolvem.*

– *Resolvem muitas coisas, meu amigo. Muitas coisas.”*

“*Olá!?! Alguém? Preciso de ajuda. Socorro!*

Não me deixe sozinho. Por favor!”

CAPÍTULO 5

Quarta-feira, 18 de abril de 2074.

Ela foi captada por ele.

“Mas isso é impossível! De onde saiu?”

Comandante Giordano Crippa comumente olhava as estrelas. A Terra. O infinito. Apesar de preferir a beleza da visão nua, para monitoramento do espaço contava com o principal telescópio de observação sideral mundial. Era responsável pela Estação Espacial Mundial e seus 55 tripulantes, que orbitava na termosfera, 600 quilômetros de altitude.

A luz vermelha de ‘detecção de corpo celeste desconhecido’ piscava na tela. Não deixava dúvida. Uma pequena estrela apareceu nos projetores tridimensionais da Estação. Ela passou pelo Cinturão de Asteróides e riscava o espaço a caminho de Marte.

Ao ver as informações preliminares angariadas pela Estação, balbuciou:

– Estrelas não se movem desta maneira... – e correu para a ponte de comando.

O pequeno corpo celeste brilhava intensamente. Esférico, ostentava cem quilômetros de diâmetro. Parecia o próprio Sol, só que em tamanho diminuto. Desenvolvia velocidade constante de 500 km/s em trajetória não elíptica.

“Não é um cometa...”

Não possuía cauda, o que denunciava inexistir perda de matéria por conta de seu aquecimento pela aproximação do Sol. Se mantivesse rota inalterada, passaria direto pelas órbitas dos planetas inferiores. Rasparia

o Astro-Rei e tomaria rumo ao infinito, para novamente se perder no espaço.

Automático, o aparato tecnológico da Estação identificou-o como 2074-E. Ano e classe, respectivamente. Mas, era costume o responsável pelo turno de observações nominar objetos descobertos.

O assessor e astrônomo Guilherme inquiriu Comandante Crippa acerca do ‘batismo’:

– Logo que vi trajetória, circunstâncias do aparecimento, dimensões, a 2074-E lembrou-me um dos meus livros preferidos de ficção científica. *Encontro com Rama...*

– Realmente. *Sir Arthur Charles Clarke* sabia das coisas. Mas o senhor não vai chamar a 2074-E de *Rama*, vai? Ficaria ridículo! Sem contar que os *Ramans*, supostamente, eram uma civilização...

– Sim, sim... Batize-a de Clarke, então.

Após checagens iniciais, Comandante Crippa hesitou.

“Não sei o que é esse objeto... E se é motivo de alarme ou se devo esperar para ter mais dados.”

Concluiu pela cautela. Contataria Antônio Perrusconi, secretário-geral do Governo Mundial afeto à divisão de Exploração Espacial. Ele unificava as informações colhidas pela observação do espaço feita pelos observatórios do Mundo, e o aguardava. Fora alertado da situação.

Contatou-o.

“Meu Deus... Por essa eu não esperava.”

Falava para um grupo de pessoas que incluía o Presidente do Governo Mundial, Andrew Thomas Stevens.

“É impressionante como parecem reais as pessoas no meio cibernético.”

Cada integrante possuía pequeno aparelho individual tridimensional, que enviava a imagem e áudio do interlocutor ao *host* virtual. Este organizava as imagens e as reenviava aos receptores individuais, que as projetava no tamanho selecionado pelo proprietário. Isso resultava em que cada participante via e ouvia os outros membros do encontro como se conversassem ao vivo. Tal arranjo gerava sensação de um papo *tête-à-tête*. Além de espetacular, era conveniente.

“Seguramente essa é a mais importante comunicação de minha carreira.”

Após as devidas cordialidades, comandante Crippa apresentou as informações colhidas pela Estação acerca de Clarke. E as parcas conclusões às quais chegaram.

– Um milhão e oitocentos mil km/h? E isso é muito ou pouco para um corpo celeste? – perguntou o secretário-geral Perrusconi.

– É dez vezes mais rápido do que o Cometa Halley em seu periélio, ponto de sua maior aceleração – falou comandante Crippa, continuando: – Para os senhores terem outra base de comparação, em seu movimento de translação a terra se move a 107.000 km/h. Quanto à velocidade desenvolvida pela 2074-E, não sabemos se é pouca ou muita, senhor secretário. Possuímos limitado conhecimento do cosmos. Mas, com base no que foi estudado por nós, é muito rápido. Significa que levaria perto de 45 horas para viajar de Marte a Terra.

Enorme burburinho tomou conta da reunião.

– Isso significa que é incogitável a interceptação para estudos por alguma de nossas espaçonaves ou satélites... Certo? – perguntou o presidente mundial Andrew Stevens.

– Senhor.. – falou cautelosamente o principal assessor de Perrusconi, o renomado astrofísico Yuri Andreievich Rostremov: – Nossa mais veloz espaçonave, com plena potência de motores em aceleração constante de pelo menos 40 horas... E isso consumiria absurda quantidade de combustível, impossibilitando a viagem de regresso dessa espaçonave, atingiria algo em torno de... Quem sabe, 75.000 km/h. Isso equivale a pouco mais de 4% da velocidade do bólido em questão. Nenhuma nave feita por nós pode atingir a velocidade desenvolvida pela 2074-E.

Silêncio.

– Entendo... Bom, possuo conhecimentos astrofísicos limitados. Mas, sendo uma esfera de cem quilômetros de diâmetro, e movendo-se em altíssima velocidade, arriscaria dizer que parece uma espécie de cometa ou asteroide. Não sendo o caso... – pausou – Poderia ser uma espaçonave ou algo assim? Alienígena, quem sabe? – inquiriu Andrew Stevens.

A pergunta era inevitável.

Talvez quem devesse respondê-la fosse Rostremov. Apesar de não ser o responsável pelo Sistema Integrado de Observação Espacial Mundial, era possuidor de perspicácia e clareza de raciocínio famosas. Foi para ele que Andrew Stevens lançou a indagação.

Mas foi Perrusconi quem respondeu. E disse nada.

– Claro que não podemos eliminar essa possibilidade, senhor. Mas, é remota. Como sabemos, a 2074-E tem algo em torno de cem quilômetros de diâmetro. É simplesmente gigantesca para ser uma nave. Claro que devemos, sempre, pensar em termos universais. Ainda assim, é artefato muito grande. Mas isso não elimina essa possibilidade...

A reunião também contava com assessores de Andrew Stevens. E prosseguia com as mais variadas opiniões e especulações acerca do pequeno corpo celeste.

Então, comandante Crippa foi alertado por seu assistente Guilherme. “Aterrador.”

Em conversa cibernética com nada menos do que Andrew Stevens, era bom que aquelas informações fossem precisas.

“Ou alguém acabará perdendo o emprego...”

– Senhores... – pediu a atenção comandante Crippa. – Recebi novas informações acerca da 2074-E. São um tanto quanto... Como posso dizer... Perturbadoras. Além de diminuir o brilho para 1/20 da magnitude inicialmente observada, sua velocidade agora é de 250 km/s...

“Isso não pode ser verdade...”

– Ela desacelerou!? – Rostremov inquietou-se.

– Ao que indicam nossos cálculos, sim.

– E qual a importância disso, para tamanho espanto? – perguntou Perrusconi, confuso.

– Se permitir ser transparente, senhor – falou Rostremov –, significa dizer que se trata de objeto com certa inteligência... Bólidos aceleram ao se aproximarem do Sol, consequência da potente atração gravitacional. Não o contrário. Sem contar que a 2074-E reduziu a magnitude luminosa para um vinte avos. Isso reforça a impressão de algo premeditado, proposital...

“As consequências da confirmação disso são impensáveis.”
– Obrigado senhores – agradeceu Andrew Stevens, encerrando a teleconferência. A situação era mais séria do que ele pensava.

CAPÍTULO 6

“E se for um OVNI? Meu Deus! Nem quero pensar...”

A ideia era assustadora. Andrew Stevens desgostava.

“Terei de informar o Conselho.”

Gostava menos ainda de apresentar temas alarmantes a seus colegas.

“Mais um tenso encontro do Conselho Governamental! Meu dia começou tão bem...”

Andrew Stevens concedeu acesso tanto ao comandante Crippa quanto ao astrofísico Yuri Rostremov ao *host* cibernético da reunião. Precisava de suporte técnico e consultoria. Seus assessores imediatos também participavam.

Relatou os fatos, objetiva e claramente.

– É isso, senhores. Ainda não sabemos o que é o objeto. Nem o que pretende em nosso Sistema Solar.

A maioria dos membros do Conselho entendeu tratar-se de ameaça potencial. Era objeto de origem desconhecida e de dimensões consideráveis, capaz de alterar velocidade e luminosidade.

– Talvez também o seja de mudar trajetória, e quem pode saber do que mais! – ponderou o governador do Haváí.

Como era comum àquelas reuniões, mesmo após debate não houve consenso acerca da medida a ser adotada em relação ao OVNI. Os otimistas defendiam tratar-se de asteroide ou cometa. Seguiria seu rumo

para sumir novamente no universo. Mas havia os que imaginavam uma invasão alienígena.

E eram maioria.

Os países se encontravam em crescente desarmamento. A quantidade de dispositivos bélicos disponíveis e operantes no mundo era reduzida. Isso motivava o medo exacerbado de alguns dos governantes.

Tal preocupação foi trazida à baila.

– Os Sistemas de Defesa Mundiais são eficazes para opor resistência a qualquer invasão, caso ocorra? – inquiriu o Imperador do Japão.

– Ainda defendo o posicionamento de que nossa resposta deva ser rápida e potente. Lançamos tudo o que temos contra eles, pulverizando-os. Não demos chance para ataque ou invasão – falou o chanceler da Organização Europeia.

– Apoiado – disse o presidente da América do Norte, complementando: – O mínimo razoável é entrarmos em alerta total.

– O risco é alto demais. Sequer sabemos se é mesmo uma nave – falou o presidente das Américas do Sul e Central.

– Exato. Acalmem-se, senhores. Pode ser um asteroide ou algo assim. Exercemos otimismo. Não há motivo para precipitação em assumir tratar-se de espaçonave alienígena. Muito menos inimiga – concluiu Andrew Stevens.

O debate prosseguiu. Medo ofuscava o lado racional de muitos.

“O que podemos fazer?”

O presidente norte-americano e o chanceler da Organização Europeia pressionaram. E o Conselho cedeu, concluindo ser prudente ativar os Sistemas de Defesa.

‘Alertar exércitos.

Disponibilizar o pronto lançamento de armas nucleares.

Preparar uma ofensiva, caso seja necessária.

Porém, nada de atacar o OVNI.’

Poderia ser desastroso.

Quando soube da decisão do Conselho, a mídia mundial movimentou-se. Matérias acerca de estranho corpo celeste luminoso movimentando-se rapidamente nos arredores de Marte tomaram os noticiários mundo afora.

A população não entendia o que acontecia.

‘O que é isso? Um OVNI? Uma espaçonave do governo? Um trote? Inquiriam-se.

Andrew Stevens precisava ganhar tempo.

“Como lidar com essa *bucha?*”

A história oficialmente liberada foi a de teste de nova e veloz espaçonave, dentro do Programa Espacial de Colonização de Marte.

Não era muito convincente. Mas, para poder agir a contento o Governo primeiro precisava descobrir o que era a 2074-E.

Tablóides reforçavam tratar-se de asteroide ou de espaçonave alienígena. Manchetes jornalísticas desafiavam. ‘*Se for uma nave do governo, por que ativarão o Sistema de Defesa Mundial?*’

‘*Em quem acreditar?*’. A população estava perdida.

“Enquanto permanecer confusa, ficará controlada.”

E o governo conseguiu ganhar tempo.

O horário de ativação do Sistema Bélico de Defesa Mundial foi determinado para a zero hora daquela noite no Meridiano de *Greenwich*.

Simultaneamente, todos os países entraram em alerta máximo.

No exato momento da medida mundial, o sistema computadorizado do telescópio da Estação Espacial Mundial ganhou vida. Disparou uma série de sinais luminosos e sonoros.

– Que diabos aconteceu agora?

Comandante Crippa olhou o painel de controle.

Uma mensagem de alerta piscava.

A esfera mudou novamente de comportamento.

– Deus nos ajude... – balbuciou.

Ao contrário de diminuir luminosidade e velocidade, voltou a brilhar intensamente e acelerou. Em segundos, pulou de 250 km/s para uma velocidade superior a 20.000 km/s.

E alterou trajetória.

Claramente não gostou das boas-vindas do Planeta Terra à sua chegada ao Sistema Solar.

CAPÍTULO 7

Andrew Stevens preocupou-se com a pronta resposta da 2074-E à ativação das defesas terrestres. Percebeu o passo estratégico dos terráqueos e respondeu enérgica e prontamente. E à distância de dezenas de milhões de quilômetros.

“Como fez isso? Como soube? Será que há *deles* aqui na Terra? Aguardam a chegada da nave-mãe, para iniciarem sangrenta guerra? Foram esses ‘infiltrados’ que delataram as atitudes defensivas humanas? O que realmente aconteceu? O que devemos fazer?”

O Governo Mundial se preparava para o pior.

O compasso era de angustiante espera.

– Talvez essa esfera seja o Arauto da Destruição. *Shiva*. E veio ao sistema solar aniquilar o próprio planeta Terra, exterminando-nos – comentou Omar, indiano, assessor religioso do Presidente.

A equipe de assessores diretos de Andrew Stevens incluía os mais altos postos dos ministérios mundiais e forças armadas. Além da área especializada em astrofísica e astronomia. E nos moldes do Conselho Governamental, também permanecia ‘plugada’ ao *host* cibernético da sua reunião.

Viajando a velocidade de 72 milhões de quilômetros por hora, agora levaria pouco menos de hora e meia para a 2074-E ir dos arredores de Marte à Terra.

Comandante Giordano Crippa informou Andrew Stevens acerca da nova trajetória.

– Passará raspando na Terra, à distância de 390.000 quilômetros. E não é só isso. Se mantiver o curso atual, quase colidirá com a Lua.

“Tentará mudar a órbita lunar?”

Andrew Stevens silenciou.

Membros do governo saltaram das cadeiras.

Medo generalizado instalou-se.

Mas, contrariando as expectativas humanas pessimistas, a centenas de milhares de quilômetros de distância da Lua a 2074-E desacelerou. E não abruptamente como na aceleração, mas de forma controlada. Além disso, diminuiu a luminosidade.

A E.E.M. gerava imagens nítidas. Andrew Stevens conseguia ver com clareza a esfera.

“A superfície parece de metal.”

Através de atenta observação das filmagens da desaceleração, comandante Crippa descobriu algo interessante:

– A luminosidade não provém da 2074-E. Ela reflete o Sol, como espelho. Para reduzir o brilho, diminuiu a reflexibilidade da própria superfície. Engenhoso.

A 10.000 quilômetros de distância da Lua, estabilizou a velocidade em 108.000 km/h. Mantendo a trajetória, passaria a uma altitude de 2.200 quilômetros atrás do satélite da Terra. Isso faria com que a E.E.M. perdesse contato visual enquanto cruzasse os 3.474,2 quilômetros do diâmetro lunar.

– Levará pouco menos de dois minutos – informou comandante Crippa.

Andrew Stevens cruzou os dedos e prendeu a respiração no instante em que a 2074-E desapareceu detrás da Lua.

“Comporte-se, bolinha. Comporte-se. Siga seu rumo, em paz.”

Tanto na Estação Espacial quanto entre os membros do Governo Mundial a tensão era quase palpável. Pulsações aceleradas. Unhas roídas.

Andrew Stevens olhou o cronômetro nas imagens geradas pela Estação.

‘Um minuto.’

Nada aconteceu.

“Infeliz do dia em que *engavetei* aquele projeto...”

Referia-se ao intento de se estabelecer um observatório astronômico no lado escuro da Lua. Suas razões para o arquivamento foram: *‘...não há motivos razoáveis para o estabelecimento e manutenção de tão custosa base de observação no lado escuro lunar. Não há interesse público imediato em se aumentar a gama de observação de nosso universo conhecido’*. Agora, soava como piada.

Conferiu novamente o tempo.

‘Dois minutos.’

Nada.

– Se mantivesse velocidade e trajetória, já teria despontado do outro lado. – comentou Rostremov.

“Um pequeno atraso, nada para se preocupar. Pode ter desacelerado ainda mais. Não há como sabermos.”

Três minutos.

“Nada de pânico... Logo aparecerá, rumando vagarosamente ao infinito.”

Olhou o cronômetro.

‘Quatro minutos.’

– Alguma coisa aconteceu – comentou Andrew Stevens.

CAPÍTULO 8

“Talvez eu devesse ficar em casa com Laís. Dizer o quanto a amo. Que preciso dela. E que quero acertar as coisas.”

Mas palavras não eram amigas de Thomaz.

Além disso, era dia de sua vigília e precisava ir cedo ao quartel.

Acordou dolorido naquela quinta-feira. Mal dormiu à noite. O sofá era incômodo. Muito pequeno para acomodar seu enorme e pesado corpo. Porém, não era esse o real problema. A causa da insônia era a preocupação com o rumo que o casamento tomava.

E para piorar, não voltaria para casa naquela noite. Somente veria Laís na tardinha do dia seguinte.

Laís não se apiedou dele. Sequer saiu do quarto desde a discussão.

Mas no meio da madrugada *Bulsara* veio aninhar-se junto a ele no sofá, o que o animou um pouco.

Vestiu o fardamento e saiu de casa sem tomar café da manhã.

“Não sinto fome.”

Subiu na moto e rumou para o quartel.

Laís chorou a noite inteira.

Sentia-se sozinha. Desesperada.

“Não há solução. Não posso trabalhar ou engravidar ou sequer comprar uma porcaria de um sofá novo. Transformei-me numa droga de uma dona de casa! Preciso falar com a mamãe.”

– Oi, minha filha amada – respondeu a mãe de Laís em seu comunicador pessoal.

– Não aguento mais – falou, olhando para as unhas quebradas. Culpa dos afazeres domésticos.

– Avisei você, não foi? Eu disse que mulher de *brigadiano* só apanha e passa fome.

– *Cruzes*, mamãe. Não fale assim. Ele nunca encostou um dedo em mim. E não é *brigadiano*. É um Cabo.

– Tudo a mesma porcaria. Falei que a história de casar jovem só podia dar errado. Dávamos conforto para você. Amor. Eu e seu pai temos saudades... Quem sabe volta para casa, filha?

– Aqui é a minha casa, mamãe. Já falei um milhão de vezes – respondeu com voz rouca Laís. Beirava o choro, pois também lembrou que passaria aquela noite sozinha.

– Ora essa! Claro que não é! Não criei filha para passar trabalho! Sua casa é aqui, com seus pais. O quarto permanece como você o deixou. Larga esse *milico* e vem para casa. Esqueça isso tudo. Foi um pesadelo. Apaixonou-se, acontece. Mas o sonho acabou. Nós a amamos.

– Eu sei mamãe.

– Seu pai já escolheu o carro que quer lhe presentear...

– Ai mamãe...

– Vem para casa, filhinha.

– Vou pensar.

“Que homem sou eu? Não tenho sequer dinheiro para comprar um carro.”

Thomaz sentia-se um milico de merda.

“Talvez devesse levar flores para ela.”

Um dia cinzento.

Pensamentos com Laís.

“Não posso perdê-la.”

Porém, temia que tudo não passasse de um conto de fadas. “Mulher rica é só incomodação, *mano*”, lembrou-se da frase de um amigo.

“Mas a amo... Não podia deixar de ao menos tentar ser feliz.”

Quando chegou ao Quartel, quase se esqueceu de saudar um oficial graduado. Isso lhe teria custado uma penalização.

A manhã arrastou-se para Thomaz. Não conseguia se concentrar. No almoço, mal mordiscou alguma coisa. Sem fome alguma. E era incomum, pois com seus cem quilos de músculos, era *bom de garfo barbaridade*. Avoado. No início da tarde, seu amigo e colega soldado Breno retornou da folga:

– Nossa! Que cara é essa, *rapá*?

– Problemas em casa. Cada vez mais difícil – respondeu, olhando para o chão.

– Isso passa. É assim mesmo. Casamento é bucha. Mas com o tempo ela acalma – falou o amigo, dando tapinhas em suas costas

– Tomara...

– Anime-se, *rapá*. Mudando de assunto. Você viu a história de uma nave espacial ou meteoro que apareceu em Saturno? Júpiter? Ah, sei lá...

– *Nem...*

– Hmm. *Vêio*, anime-se! *Tã* me deixando de baixo astral só de vê-lo assim! Vamos fazer algo. Gastar um pouco de energia. *Simbora, Bambam*. Depois você chora por sua *Pedrita* – *falou* Breno, tentando animá-lo.

Baixou os olhos.

Sorriu.

– Vou tentar.

CAPÍTULO 9

Passaram-se vinte minutos desde que desapareceu por detrás da Lua.

Ficou claro para Andrew Stevens que a 2074-E não reapareceria conforme esperado.

“O motivo pode ser variado. Talvez reduziu a refletividade, e por conta disso não foi avistada quando surgiu do outro lado do satélite terrestre. Também pode ter acelerado para uma velocidade altíssima, e sumido sem ser vista. Ou alterado abruptamente a trajetória, movendo-se perpendicular à Lua, impossibilitando a visualização da escapada.”

Exercitava otimismo.

“Mas pode ter pousado no lado escuro da Lua.”

Essa ponderação consumia Andrew Stevens.

Era uma possibilidade aterrorizante.

“O que querem aqui? Boa coisa não deve ser. Talvez nos escravizem... Não. Pior: exterminarão um por um, para ficarem com o planeta! Que é isso, Andrew? Pense positivo. Talvez usem o sistema solar como posto de reabastecimento. Como os *Ramans* fizeram, e sumam.”

O mundo entrou em polvorosa a respeito dos acontecimentos. Mesmo sem grande capacidade de aumento de imagens, telescópios amadores particulares eram capazes de ver a 2074-E. Mormente com vasta informação a seu respeito inundando a CIBERNET. Isso aqueceu o risco de pânico generalizado.

“Uma pessoa sozinha é entidade racional e razoável. O povo, a massa de pessoas, costuma ser irracional e tendente ao descontrole. Devemos agir. Mas, o que fazer? Um novo comunicado oficial, quem sabe?”

Aguardava. Andrew Stevens agrilhoava-se ao desconhecimento da realidade dos fatos. Nada a fazer.

“A não ser rezar e torcer pelo melhor.”

A equipe de Andrew Stevens permanecia ‘plugada’ ao *host* cibernético da reunião. Debatiam opções, procurando a melhor para seguirem.

Mas as respostas eram desanimadoras.

Então, Rostremov lançou uma ideia.

– Podemos enviar uma sonda não tripulada para investigar o lado escuro da Lua.

Alguns dos ministros manifestaram-se contra.

Argumentos após argumentos tiveram lugar.

Andrew Stevens refletia, quieto.

A situação era de impasse.

– Mesmo assim, entre preparações, lançamento e traslado, levará dez horas para termos notícias – concluiu.

– Obrigado, doutor Rostremov. Não perca mais tempo, comandante Crippa. Lance a sonda. E que Deus nos ajude – falou Andrew Stevens, resolvendo o impasse.

Sem demora, comandante Crippa informou:

– A *Sonda de Exploração da Via Láctea 04* foi lançada, senhor.

– Não nos animemos demasiadamente. – interferiu Rostremov, que continuou: – O que ela conseguirá explorar será limitado. Passará em alta velocidade pela órbita da Lua. Contornará o lado não visível da Terra em pouco mais de 10 minutos.

– Mas, com sorte trará respostas, doutor! – completou Andrew Stevens.

“E não houve represália a seu lançamento, o que é tranquilizador. Depois da imediata resposta à ativação dos Sistemas de Defesa, restou evidente que nos monitoram a distância. Ou não mais estão aqui, ou não se importaram. Bom, agora é lidar com a população.”

Andrew Stevens encontrava-se tenso.

Sentia perigo iminente pairando no ar. Sua equipe debatia como agir com a população frente aos eventos. Precisavam acalmá-la, antes que a situação fugisse do controle.

“Acuada, com medo, sem saber o que acontece... Pode ser mais desastrosa para a manutenção da paz e organização sociais do que a própria 2074-E.”

Finalmente, decidiu-se que o melhor era Andrew Stevens pronunciar-se aberta e sucintamente. Dirigir-se aos governados. Informá-los do ocorrido, mas sem entrar em detalhes.

O Conselho Governamental Mundial chancelou a ideia.

‘Após, cada Governante lidará conforme entender adequado com a população local respectiva.’ foi a conclusão de Andrew Stevens.

As nações detinham soberania, apesar da unificação governamental liderada pelo Conselho capitaneado por Andrew Stevens. Guardavam marcantes diferenças e peculiaridades culturais. Chegaram ao consenso de bem-comum em se percorrer a estrada da evolução dos homens. Primavam pela manutenção saudável do meio ambiente. Saúde e alimento para todos. Desarmamento e arrefecimento de conflitos, bélicos ou não. Mas cada país possuía independência e particularidades. E eram respeitadas religiosamente por Andrew Stevens.

Quinta-feira, 19 de abril de 2074. 10h37min, horário de *Greenwich*.

A S.E.V.L. 04 percorria os 390.000 quilômetros de sua jornada.

No mesmo momento, em cadeia mundial Andrew Stevens anunciava para receptores particulares e públicos:

‘Caros senhores e senhoras, cidadãos do mundo.

Dirijo-me a vocês com intuito de sanar boatos e apontar a verdade de alguns fatos. Algo maravilhoso aconteceu no sistema solar.

Como sabem, nas últimas 48 horas astrônomos e observadores espaciais amadores inquietaram-se. Um objeto apareceu nos arredores de Marte, viajando a grande velocidade.

Inicialmente o Governo pensou tratar-se do projeto de um novo sistema de propulsão espacial. Lançamos uma nave não tripulada, mês passado, com o intuito de avançarmos em nova viagem tripulada a Marte.

Mas, provou-se não ser o caso.

A verdade é que o Governo Mundial ainda não pode precisar a natureza do objeto. Estudos necessitam ser feitos. Há fortes indícios de ser um asteroide que nos visitou. De proporções consideráveis, passou próximo da Terra e seguiu seu curso rumo à imensidão do universo.

Não apresentou qualquer perigo ao nosso planeta.

Insisti de pessoalmente noticiar o ocorrido para tranquilizá-los. E garantir que o Governo Mundial investiga o ocorrido. Havendo novidades relevantes, vocês serão informados.

Informações adicionais poderão ser obtidas com os governos locais.

Agradeço a atenção.'

Andrew Stevens dizia meias-verdades.

“É o melhor a se fazer no momento.”

Essa era a mecânica entre governo e governados. Um julgava ocultar a verdade. Os outros encenavam serem enganados.

Por ora, a população optava por ‘acreditar’ em Andrew Stevens.

Em órbita programada de 400 quilômetros de altitude, a S.E.VL. 04 iniciou sua marcha de quase 5.500 quilômetros pelo lado escuro lunar.

“Hora da verdade...” e Andrew Stevens cruzou os dedos.

Ansiedade e expectativa eram gigantescas.

“Não será agradável dar de cara com a esfera pousada em solo lunar. E descarregando tropas de extraterrestres invasores e se preparando para um maciço ataque à Terra! Calma... Com sorte, ela já voou milhões de quilômetros de distância do sistema solar.”

A Lua quase cheia encontrava-se com o lado escuro mergulhado em profundo negrume.

A sonda usava câmera de última geração. Captava radiações infravermelhas e ultravioletas. Campos eletromagnéticos. Possuía ‘visão noturna’.

“Nada escapa às suas lentes.”

Porém, não avistou qualquer coisa nos primeiros instantes da jornada.

Andrew Stevens respirou aliviado. Descruzou os dedos.

Mas a tranquilidade não durou.

A potente câmara da S.E.V.L 04 captou algo, centenas de quilômetros à frente. Tênuê luminosidade, parecendo o quarto crescente da Lua. Porém, em ângulo mais aberto. E crescia.

De início não sabia o que era.

“Mas que claridade estranha...”

Logo compreendeu.

“Clarke!”

Suas pernas amoleceram. Ficou com as mãos molhadas de suor nervoso.

Estática, a 2074-E pairava a poucos quilômetros de altitude em relação à superfície lunar, sem encostá-la. Em instantes pôde ser vista em sua plenitude. Enorme, perfeita. Brilhava um discreto tom azulado, quase fluorescente.

Os espectadores daquelas cenas foram tomados por espanto e terror. Inegavelmente, a humanidade deparava-se com artefato ou espaçonave de uma civilização de outro planeta.

“Assustador.”

Não havia treinamento para aprender a melhor maneira de lidar com situação daquela magnitude e complexidade. Inexistia experiência para abrandar o contato. Era legítima novidade.

A sonda se aproximava rapidamente. Passaria a 290 quilômetros de distância da bólide.

Súbito, uma imagem surgiu na superfície da 2074-E. Uma espécie de painel retangular, de dimensões muito grandes. Era formado por 12 colunas verticais e seis linhas horizontais, quadriculado com 72 células retangulares. Uma projeção chiada e sem a nitidez das gravações atuais, em três dimensões holográficas.

Andrew Stevens ficou com a boca seca de nervosismo.

Imediatamente, a célula retangular da terceira linha, décima coluna, acendeu uma luz vermelha bem clara. Logo se apagou. Nova célula

acendeu, cor laranja-claro, mesma linha, décima segunda coluna. Apagou, dando lugar a uma luz rosa claríssima. Terceira linha, oitava coluna. Piscaram em intervalos relativamente rápidos e cadenciados. A quarta luz, da cor amarelo-claro, apareceu na célula retangular da quinta linha, terceira coluna. A última a ser acesa foi na primeira linha, sexta coluna, de cor branca e bastante luminosa. Foi a que brilhou por mais tempo. O show luminoso durou não mais do que 8 segundos. E foi repetido, sem modificação, enquanto a S.E.V.L. 04 possuía contato visual.

“Interessante como a projeção seguiu a posição em que se encontra a sonda... Que se move a mais de 40.000 km/h!”

Unhas roídas. Copos de água bebidos. Tensão. Os espectadores ‘pilharam’ os nervos.

O cérebro de Andrew Stevens trabalhava a toda velocidade.

“isso pode significar qualquer coisa. Um descontraído ‘Olá, tudo bem?’. Ou um nada amistoso ‘Atacaremos em uma hora’. Mesmo um tético ‘Viemos em paz’. Talvez se comunicaram com o planeta de origem, avisando que chegaram ao destino e que iniciarão os procedimentos de dominação ou destruição planetária... Melhor: pedem ajuda, algo bem-humorado do tipo ‘Nossos motores pifaram, tragam peças sobressalentes, por favor!’.

Sorriu com sua ponderação.

“Acho que perdi a noção da realidade...”

Qualquer um poderia ficar louco pensando nas possibilidades do desenrolar daquela situação.

– Ao menos ‘eles’ não explodiram a sonda. Nem a Lua. Ou a Terra
– comentou Perrusconi.

– Por enquanto – completou Andrew Stevens.

CAPÍTULO 10

– Nem dou bola para o que políticos falam, meu filho... Obrigada, e fique com Deus – comentou uma cliente acerca do pronunciamento de Andrew Stevens, que acabaram de ouvir pelo rádio.

– Que ele fique com a senhora também – completou Leonardo. Conferia se o *software* de gerenciamento computou corretamente os produtos vendidos.

– Então, conte-me! Ela ficou contente? – perguntou a atendente Cláudia, curiosa acerca da reação de Sophia ao presente.

Assim eram pessoas *interioranas*. Calorosas, receptivas e curiosas. Preferiam o contato direto ao mundo virtual. Conheciam-se e sempre gostavam de saber das fofocas, novidades e opiniões de conhecidos sobre os mais variados assuntos.

– *Huh* – e Leonardo deu de ombros. – Foi ganhar o presente e esquecer que existo! – e sorriu.

“Claro que não é verdade... Seu amor pelo primeiro bichinho de estimação é diferente do que nutre por mim.”

Porém, ficou com pontinha de ciúmes.

– Pensei que vocês dariam um irmãzinho para ela... – comentou João Carlos, funcionário de vários anos e amigo de Leonardo.

– Bem que eu gostaria. Mas não é momento. Crianças custam caro. Além do que a burocracia é enorme para se ter um segundo filho. Vocês sabem...

– Dizem levar mais de ano para se conseguir autorização.

– Além disso, Aline nem quer *tanto assim* mais uma criança...

– Sei... – concluiu João Carlos.

O assunto despertava dicotomizado sentimento em Leonardo.

“A ideia de um segundo bebê não desagrada. Não quero que Sophia cresça sem companhia. E seria bacana ter um garoto. Jogar bola, acampar, pescar. Meninas são mais delicadas. Mas os custos... Colégio, roupas, plano de saúde, brinquedos, festas de aniversário, mais um quarto... Nossa! A lista não acaba!”

Só de pensar, chegava a ter brotoejas.

– Mudando de assunto... O senhor acompanhou essa história do OVNI que apareceu perto de Marte? – perguntou Cláudia.

– Sabe que ouvi algo ontem à noite e nem dei muita bola. E o presidente do mundo acabou de explicar, você não prestou atenção? Era um asteroide... – respondeu sem entusiasmo Leonardo. Como autêntico geminiano, costumava ser atento a mudanças. Porém, esse era assunto sensacionalista demais para ser levado a sério.

“Devia ser uma pedrinha de nada.”

– Que é isso, *chefe!* Isso é um engodo. Era um OVNI, *pode crê* – concluiu a bem-humorada atendente, indo na direção de uma cliente que entrou na farmácia.

“Costumava ser alegre. Sempre pronto para qualquer coisa. Acampar, sair para festejar à noite, churrasquear, beber com amigos. Há como resgatar isso? Mas, e Aline e Sophia? Dependem de mim... E onde eu fico? Quem sou eu? No que me transformei? Trabalhar e esperar a morte, é o que resta? Qual a saída deste cadafalso?”

Sentado em seu gabinete, Leonardo teve súbita vontade de chorar.

“Acalme-se. *Bola pra frente.*”

CAPÍTULO 11

“Eles esperam uma resposta.”

Andrew Stevens sabia que o *show* de luzes clamava por uma atitude dos humanos. A comunicação utilizada foi simples. Cinco pulsos luminosos de cores claras e brilhantes, posicionados num painel retangular composto de 72 células.

“Algum tipo de código matemático universal, com cada cor indicando um número!?”

Dentre os membros tanto da equipe governamental quanto do Conselho Mundial, o medo de uma invasão era presente. Houve ponderações no sentido de atacar a 2074-E.

Andrew Stevens conseguiu acalmar os ânimos.

“Os alienígenas não foram agressivos. Precisamos descobrir o que tentaram nos dizer”.

Quatro horas passaram, e o código luminoso apresentado pela 2074-E permanecia sem ser decifrado.

– Bem que podia ser mais fácil. Como nos hologramas tridimensionais nos cinemas, onde ETs pousam e conversam normalmente com os governantes. – brincou Perrusconi. Conseguiu alguns sorrisos da tensa equipe.

– Filme! Claro! – gritou Rostremov, assustando pessoas na reunião.
– Desculpem-me, senhores. Esqueci ativado meu canal de voz.

– Não há problema, doutor – falou Andrew Stevens, que mantinha conectado o comunicador pessoal tridimensional ao *host* cibernético da reunião da equipe. Continuou: – Por favor, compartilhe conosco suas conclusões.

“O que ele descobriu dessa vez?”

Andrew Stevens prestou atenção à imagem tridimensional de Rostremov em seu projetor. Ele se encontrava sentado defronte um computador portátil. Mordia o lábio inferior. Sem demora, a tela do computador ficou-lhe visível. Viu Rostremov acessar a rede mundial de computadores e navegar conhecido *site*, que armazenava vídeos. ‘*Contatos imediatos do terceiro grau*’ foram as palavras-chave que digitou.

“O que ele trama?”

Em segundos, viu cenas de antigo filme. As informações na tela indicavam a data de sua feitura: ‘1977’. Nele, uma civilização alienígena contactava os humanos usando uma escala sonora. Quando da chegada da nave principal, os terráqueos montaram enorme painel e lançaram sinais luminosos aliados às notas musicais como boas-vindas e mensagem de paz. Os humanos repetiram as escalas inúmeras vezes. Finalmente, a nave-mãe extraterrestre respondeu as mesmas escalas, dando a entender que vinha em paz.

Foram essas as cenas projetadas na superfície da 2074-E!

– Mas eu não acredito! – deixou escapar.

“Esse cara é *bucha!*”

O Conselho foi pego de surpresa. Ficou sem ação.

– Hmm... E por que não emitiram as notas musicais? Teria sido bem mais fácil... – comentou o governador do Havái.

– Se me permitir responder, senhor presidente – falou educadamente Rostremov.

– Por favor.

– Não poderiam mesmo que quisessem, senhor. No espaço inexistente matéria. Portanto, não há som, que depende dela para a propagação de suas ondas.

– Devo olhar menos filmes de ficção científica... – brincou o governador havaiano.

Apesar de tensos, os membros do Conselho excitaram-se com a descoberta.

– Não havendo objeção, vamos responder aos ‘nossos amigos’. – falou Andrew Stevens.

O Conselho concordou.

– Comandante Crippa: a Estação Espacial tem condições de lançar uma escala luminosa em direção à Lua?

– Não nos exatos moldes do painel visto no filme, senhor presidente. Mas podemos programar pulsos luminosos para uma resposta parecida. Utilizarei as luzes de alerta da Estação. – comandante Crippa acompanhava a equipe de Andrew Stevens desde o aparecimento da 2074-E. E o Conselho aprovou sua participação nas reuniões.

Andrew Stevens pausou.

Lembrou-se da esposa Melissa. ‘*Amo o homem que você é.*’

“Por que lembrei isso? Será que algo me alerta de perigo iminente?”

‘*Confio em suas decisões. O mundo confia em você.*’

Inquietação atormentava a mente de Andrew Stevens.

“Eles não nos descobriram por acidente. Não se encontram aqui por acaso. Sua vinda ao nosso sistema solar foi programada e intencional. Inclusive pensaram numa maneira amigável e que compreenderíamos de iniciarem uma conversa. E admito que foram engenhosos. Qual será seu próximo passo? Podemos confiar neles?”

Súbito, lembrou o *Discurso da Metafísica* de *Leibniz*, e concluiu.

“Espero, sinceramente, que tudo esteja pelo melhor, neste melhor dos mundos possíveis.”

– Faça isso, comandante. – determinou após respirar fundo, acolhendo a responsabilidade pelos próximos passos da humanidade. – Cruzem os dedos, senhores.

Com os membros do Conselho Governamental Mundial também torcendo pelo melhor, a E.E.M. respondeu à 2074-E. Os pulsos luminosos foram fulgurantes, calibrados para 50 vezes o lúmen normal.

“Impossível não verem isso, mesmo do outro lado da Lua.”

Ainda mais com a Terra em seu lado noturno como *pano de fundo*.

“Afinal, acessaram cenas de filmes e souberam instantaneamente da ativação dos nossos Sistemas de Defesa.”

Apreensão crescia entre os espectadores dos acontecimentos.

Sabiam que as consequências daquele ato amigável poderiam ser funestas. Talvez fosse a abertura que a outra civilização precisava para subjugar e dominar os terráqueos.

“Mesmo com o grande risco, o bom-senso aponta no sentido de ser a atitude acertada a ser tomada. Afinal, há enorme espaçonave praticamente pousada no lado escuro da Lua. E seus tripulantes buscam alguma coisa. Não podemos ignorá-los.”

– Devíamos ter enviado mais sondas no encaço da S.E.V.L 04. Agora, saberíamos o que a 2074-E apronta. – comentou Perrusconi.

– O risco de sermos mal interpretados pelos extraterrestres era muito grande. Poderiam não gostar de ter vários objetos sendo enviados ao seu encontro. Talvez, entendessem como ato de deflagração de guerra. – ponderou Andrew Stevens.

Angustiante. Nada podia ser feito. Restava aguardar.

– Será que viram os sinais? – indagou o Imperador Japonês.

Os momentos posteriores ao envio da mensagem pareceram dias. Atestavam a máxima Einsteiniana de que ‘o tempo depende do observador’.

“Encontramo-nos prestes a dar o próximo ou o último passo em nossa evolução?”

A Estação Espacial Mundial queimava grande quantidade de combustível. Retardava ao máximo o momento em que sairia da posição em que podia monitorar o satélite terrestre. Ao menos até rodear a Terra e desobstruir a linha de visão.

– Não posso manter a posição por muito mais tempo. – informou comandante Crippa aos membros do Conselho.

Repentinamente, os instrumentos de observação da E.E.M. soaram alarmes.

Saindo detrás da Lua, em velocidade constante não mais rápida do que uma sonda terrestre, a 2074-E!

– *Shiva*, apiede-se de nós – balbuciou Omar.

Impossível não se maravilhar com aquela impressionante obra de engenharia espacial. Magnífica. Sem refletir o Sol, foi possível ver que emanava luz azul-clara própria, de tênue intensidade. Inundava sua superfície, que dava a impressão de ser feita de líquido transparente.

Ao sair detrás da Lua, a trajetória que assumiu foi em direção à Terra.

Isso causou instabilidade e dúvidas no Conselho.

– Temos de fazer algo! Existe possibilidade real de um ataque! – alertou o chanceler da Organização Europeia.

– É hora de pensarmos seriamente numa ofensiva. – apontou o presidente norte-americano.

– Acalmem-se, senhores. Não há motivo para agressividade. Além do que nosso sistema de defesa permanece ativo e operante. – arrefeceu os ânimos Andrew Stevens.

“São preocupações plausíveis. O evento em relação à 2074-E se desenvolve diferente do previsto. O esperado era um ataque ou invasão. Algo como uma nave pousar e dela saírem homenzinhos verdes falando linguagem terráquea com sotaque sideral, exigindo rendição incondicional.”

Esse pré-julgamento baseava-se no que os próprios humanos possivelmente fariam caso chegassem a outros planetas habitados por organismos racionais.

“Mas essa civilização alienígena age cautelosa e calculadamente, sem condutas agressivas. ‘Escondendo-se’ atrás da Lua, pediu permissão para se aproximar. E isso soa racional e educado, quase *vulcaniano*. Além disso, colocou-se em posição visível, o que transparece conduta confiável e despida de más intenções. Mas não contataram novamente.”

Inquietante o fato de existir uma esfera de cem quilômetros de diâmetro, de origem desconhecida, movendo-se a 10 km/s em direção à Terra. Era hora de todos conterem os brios e exercitarem paciência e sangue frio, para não entrarem em desespero e agirem impensadamente.

A comunicação mundial e o acesso a dados através da CIBERNET era instantâneo e disponível para mais de 99% dos terráqueos. A políti-

ca governamental mundial era de aproximação dos povos. Mesmo nos países subdesenvolvidos havia quantidade satisfatória de equipamentos eletrônicos com acesso à rede mundial de computadores. Isso facilitava a disseminação de informações em tempo real, para todas as pessoas. A cobertura de satélites e fibras óticas abrangia a totalidade do planeta. Inexistia lugar em que fosse impossível acessar a rede.

Claro que ainda restavam comunidades isoladas que sequer possuíam luz elétrica. Especialmente na África, América do Sul na região da Floresta Amazônica, e no centro do continente australiano.

Optavam por se manterem à parte da globalização.

Mas, de modo geral, podia dizer-se que em poucos instantes o mundo inteiro soube da existência da esfera azulada batizada como 2074-E, ou Clarke.

E que não era um asteroide ou cometa.

Não guardava qualquer relação com o programa de colonização de Marte.

E que sequer era nave terráquea.

E o pior: vinha para a Terra.

“Terei de novamente falar à população.”

CAPÍTULO 12

Aquela era uma das mais longas e solitárias noites que Thomaz passou no quartel. Ligou 5 vezes para o comunicador pessoal de Laís.

Não o atendeu.

“Não me vejo um pai. Não quero uma criança! Desacredito-as. Dizem-me nada. Dão trabalho, incomodam... Por que, Deus do céu, ela quer tanto um *pirralho*? Por quê? Já peguei ódio desses *nanicos*.”

Olhava para o céu. Vislumbrava o infinito.

Uma noite agradável, com suave brisa. Céu límpido, estrelado.

Thomaz via nada daquilo. Sua mente contaminada com preocupações, desespero, contas a pagar. Precisava lidar com a ideia de ter um filho.

“Sim, Laís é o mais importante para mim. Se ela quer tanto, vou ter de dar um jeito. E, um netinho certamente agradará seus pais.”

– Mas e o que sua amável sogrinha fala disso tudo? – perguntou Breno, despertando *Bambam* de seu transe.

– Opa, nem vi você... Ela fala nada. Mal conversamos. Não se intromete...

– Você é que pensa, *mermão*. Só você não vê que a mulher é uma víbora.

– Não fale assim. Ela se preocupa com a filha, mas sei que gosta de mim. E é só uma questão de tempo. Vou ajeitar tudo.

A manhã da sexta-feira surgiu para Thomaz como um oásis aparece no horizonte para um sedento peregrino no deserto. Agora, poucas horas o separavam de ir para casa.

Abraçar Laís.

Sentir seu perfume, sua pele macia.

Pediria desculpas por tudo.

“Por que não consigo dizer o quanto a amo? Sou um idiota!”

O comunicado veiculado naquela manhã por Andrew Stevens causou grande movimentação no comando do quartel.

Não sabiam o que acontecia. Mas era algo sério.

Tal desconfiança se confirmou à tarde, quando houve a notícia de um OVNI escondido atrás da Lua.

Aquilo preocupou Thomaz sobremaneira. Poderia significar ter de permanecer a serviço por tempo indeterminado, sem voltar para casa.

Pensando nisso, teve vertigem. Só o que conseguia lembrar era Laís dizendo ‘*Não gosto de ficar sozinha em casa quando você trabalha à noite. Você sabe que tenho medo.*’

“Preciso vê-la.”

Laís desestabilizou-se ainda mais após falar com sua mãe.

Gostava de Thomaz.

“Mas mamãe acertou. Isso não é vida para mim. Onde andava com a cabeça? Sou jovem, bela, rica. E penso em ter filhos e ser dona de casa? Que loucura... A única coisa que presta aqui são os gatos.”

Enxugava as lágrimas do rosto.

“Isso nunca vai dar certo.”

O comunicador pessoal tocou. Era ele. Quando o pegou na mão para atender, veio à mente a cena da noite passada onde, mais uma vez, ele se opôs que ela trabalhasse.

O sangue ferveu. Raiva. Ódio.

Desligou o aparelho.

Viu que tocou mais vezes durante o dia, e uma no meio da madrugada.

“Não tenho nada para dizer. Chega de *papo*.”

Notou que não temeu a solidão naquela noite.

Na sexta-feira levantou-se da cama perto do meio-dia.

Dormiu bem. Parecia mais leve, feliz.

“Chegou a hora” ponderou, pegando *Marmaduke* no colo.

Thomaz contava os minutos para chegar às 17h. Poderia ir para casa.

Mas, durante a tarde, nova comunicação de Andrew Stevens anunciou que um objeto não identificado se encontrava nos arredores da Terra. Não se tratava de asteroide. Falou em toque de recolher, em exército tomar as ruas...

Desespero abraçou-lhe.

“Não serei liberado! Por que Laís não atende o comunicador?”

Após muito esforço, e comprometendo-se a retornar imediatamente para o quartel, caso convocado, no final da tarde pôde ir a casa.

Ansiava ver Laís.

“Ela precisa de mim.”

Passou em uma floricultura local e comprou pequeno, mas belo, arranjo de flores. Foi um problema transportá-lo na motocicleta. Entrou em casa falando ‘*Onde está meu amor?*’, mas Laís nada respondeu. Nem os gatos miavam para recebê-lo, como de costume.

Correu ao quarto.

Nada.

Não compreendia.

Um pensamento ignóbil veio-lhe à mente.

Correu e abriu o armário.

Vazio.

Não mais havia roupas dela.

“Não pode ser...”

Seu mundo ruiu. Não sabia o que fazer ou pensar.

“Laís...”

E ele chorou como criança.

CAPÍTULO 13

Andrew Stevens falaria novamente à população.

“Antes que saia do controle.”

Fotos do OVNI imediatamente estamparam as manchetes dos noticiários mundiais nas imprensas escrita, televisionada, holográfica e cibernética. Várias teorias a respeito do que poderia ser inundaram a rede mundial de computadores.

Crescente desconforto psíquico tomou conta da população, iniciando pânico generalizado.

A equipe do Governo Mundial finalizava o novo posicionamento oficial.

“O pensamento coletivo acerca da proximidade do fim do mundo possui potencial para desencadear surto em massa. Ondas de saques, variados crimes, desrespeito a autoridades. Recém pronunciei-me em cadeia nacional. E não fui totalmente honesto. Mas, afinal, o que poderia ter feito?”

Após chancela do Conselho Governamental Mundial, Andrew Stevens veiculou nova manifestação.

‘Caros senhores e senhoras.

Conforme prometido, trago novidades acerca do suposto asteroide em trajetória no sistema solar.

Nas últimas horas, refleti acerca do que deveria lhes dizer, e como fazê-lo. No final, meus amigos e amigas, concluí que o melhor, neste momento, é ser transparente, direto e honesto. Vocês têm o direito de saber a verdade, e é isso o que lhes oferto a seguir.

O Governo Mundial age para bem conduzir a situação.

Peço calma e tranquilidade a todos.

Bem... Não há melhor maneira. Então, vamos lá.

As equipes de cientistas e astrofísicos do governo examinaram cuidadosamente o corpo celeste que cruzou inadvertidamente nosso céu. O que parecia um asteroide provou ser algum tipo de espaçonave esférica de cem quilômetros de diâmetro.

Gostaria de poder dizer a vocês que é uma das nossas... Mas não é.

A origem do OVNI é desconhecida. Mas suas atitudes são amistosas. O primeiro contato foi tranquilo, o que indica a natureza pacífica do objeto.

Bem, senhores e senhoras. A situação é promissora, mas delicada, como podem perceber a essa altura.

Em virtude disso, determinei o início de estado de alerta, a vigorar neste instante. Para manutenção da paz e tranquilidade, o exército mundial e de cada País tomarão conta dos logradouros públicos. Instituí toque de recolher, que será das 22 às 7 horas da manhã seguinte, horário local, a vigorar por tempo indeterminado. Nas ruas, somente serão permitidas pessoas com autorização. Esta poderá ser requerida, via CIBERNET, diretamente aos governos locais. Os salários, bem como preços de mercadorias, prestação de serviços, a partir deste momento encontram-se congelados.

O bólido aproxima-se calmamente de nosso planeta.

Não deve haver retaliações ao objeto. Atos agressivos serão repreendidos rapidamente pelo Governo, através do exército.

Reafirmo que não há ameaça no comportamento da 2074-E, ou Clarke, que é o nome com o qual foi batizada a esfera.

Qualquer novidade em relação à situação, vocês serão comunicados. No momento, peço paciência e calma.

Muito obrigado.'

Bombástica transmissão, mas necessária.

“A população precisa de conhecimento acerca da enorme esfera, já visível por telescópios amadores. Chegando mais perto, ficará visível a olho nu. Desespero e anarquia reinariam, caso inexistissem esclarecimentos. E as consequências de uma situação desse porte são indesejáveis. Com o toque de recolher e exército nas ruas, ou seja, com a

opressão batendo às suas portas, as pessoas se controlarão. Isso conterà o caos total. Mas são medidas antipáticas. Sem dúvida, essa foi a mais difícil e complicada manifestação de minha carreira política.”

O descontentamento foi geral e imediato. Deixou atônitas as pessoas.

Décadas de paz desacostumaram-nas a atos de guerra. Mesmo que para manter a estabilidade social. A primeira manifestação de Andrew Stevens indicou que algo de diferente acontecia no sistema solar. Ainda assim, a grande maioria das pessoas foi surpreendida pelas últimas revelações.

Frenética corrida aos supermercados e lojas teve início. Em poucas horas esgotaram-se água, mantimentos, pilhas, corda, madeira, armas, munições. Ao lado desse frenesi consumista, também teve azo insana busca por maquinário pesado para a feitura de abrigos subterrâneos.

A mídia seguia *deitando e rolando* acerca dos acontecimentos.

Caos instalava-se no mundo.

A 2074-E diminuiu velocidade a ponto de estacionar na Exosfera terrestre, 800 quilômetros de altitude. Assumiu órbita estacionária, à distância de 300 quilômetros da E.E.M.

“Magnífica.”

Andrew Stevens sequer piscava. A 2074-E o hipnotizou.

“Não possui protuberâncias, cortes, janelas, portas... Não vejo entradas ou saídas, riscos, emendas de soldagem ou encaixe de materiais... Perfeita.”

Inesperadamente, ela projetou uma vez mais o painel e sinais luminosos, na direção da Estação Espacial.

Os integrantes do Conselho Governamental Mundial alteraram ânimos.

– Senhores, embarcamos numa jornada sem retorno. E na qual há riscos inerentes. É tarde demais para abortarmos – ponderou Andrew Stevens, que prosseguiu: – Comandante Crippa, repita os pulsos luminosos, por gentileza.

Após a nova comunicação, a enorme 2074-E saiu da órbita em que se encontrava e passou a circundar a Terra a 500 quilômetros de altitude. Passeava pelos continentes.

Isso mexeu com os brios da maioria dos governantes mundiais.

As ideias belicosas defendidas pelo presidente norte-americano ganharam adeptos.

– Mesmo pedindo ‘permissão’ para se aproximarem, agora espionam. Bisbilhotam. Talvez angariem informações para decidirem qual atitude tomar frente a nós. Isso é inadmissível... Além de desconcertante. – ponderou o chanceler europeu.

Outro fator que preocupava Andrew Stevens era o tamanho do objeto.

“É *prato cheio* para desencadear pânico.”

Vista do nível do mar, a imensa 2074-E agora possuía as dimensões de uma bola de basquete visualizada à distância de metro e meio. A olho nu era visualmente quarenta vezes maior do que a Lua.

Isso espalhou enorme terror mundo afora.

“Escolhi o momento perfeito para mandar o exército às ruas. Caso não fizesse, a essa altura tragédia teria tomado o mundo inteiro.”

Por medida de segurança, o Conselho Governamental determinou que a aeronáutica escoltasse a 2074-E. As aeronaves deveriam permanecer à altitude de 20 quilômetros. Não entrariam em combate com o OVNI a menos que expressamente comandadas.

“Isso é perigoso... Militares são nervosinhos. Espero que o dedo não coce no gatilho. Essas aeronaves são equipadas com ogivas nucleares!”

A 2074-E mantinha rota previsível e velocidade constante de 3.000 km/h. Nada incomum para os aviões-caça que a seguiam.

“Ela passa a impressão de saber o quão delicada é a situação. E que deve agir calma e tranquilamente. Um excelente indício.”

– Pode ser mera encenação! Sórdido plano para trazer sua presa perto, para subjugar-la num único e poderoso ataque! – elaborava o presidente da América do Norte.

No Conselho Governamental Mundial os ânimos aqueceram. Ponderações sobre uma ofensiva bélica tiveram lugar.

Com sentimento generalizado de medo e acuação, o chanceler da Organização Europeia deixou o recinto cibernético da reunião. Sob auspícios de cuidar de assuntos urgentes de seu governo.

Todos se encontravam acuados. Temiam o porvir.

Para piorar, a 2074-E sobrevoou vários países. Nas últimas duas horas, iniciou controlada descida, estabilizando altitude em 50 quilômetros. Do solo, a olho nu, agora suas dimensões eram as mesmas de um *Volkswagen Fusca* visto da distância de dois metros.

Insegurança e instabilidade cresceram.

Mundo afora o exército agia ativamente para conter o crescente número de manifestações, vandalismo e anarquia. O ‘vão panorâmico’ da 2074-E mexeu com os brios de muita gente. Mas tudo corria razoavelmente bem, sem qualquer incidente sério.

Passavam minutos da meia-noite do dia 22 de abril de 2074.

A 2074-E sobrevoava o Leste Europeu, especificamente a Hungria. Súbito, os aviões-caça que a escoltavam dispararam séries de alarmes. Luzes piscaram dentro dos *cockpits*.

Os computadores de bordo identificaram maciço ataque em direção das aeronaves.

A cúpula Governamental Mundial gelou. Alguns dos governantes foram tomados por taquicardia tão forte que passaram mal.

“Meu Deus! Isso é o pior dos cenários!”

Andrew Stevens viu seus maiores medos materializarem. Uma gigantesca espaçonave alienígena declarando guerra ao planeta Terra, e em sua própria atmosfera!

“Devíamos ter ouvido o chanceler da Organização Europeia e o presidente da América do Norte.”

Os pilotos das aeronaves terráqueas iniciaram desesperadas manobras evasivas. Tentavam desviar da agressão. O painel das aeronaves indicava doze objetos de tamanhos consideráveis se aproximando em alta velocidade.

A conversação entre aeronaves e Base de Comando foi redirecionada ao *host* cibernético da reunião do Conselho.

– O que são esses objetos? Há contato visual? São pequenas naves? Mísseis? Câmbio.

– Comando. Aqui é Águia Azul. O ataque ...2074-E. Câmbio.

– Repita, Águia Azul – falou o comando.

– ...do ataque – respondeu o piloto.
– Não captamos, Águia Azul. Uso de ogivas nucleares autorizado. Repetindo: vocês têm autorização para lançarem ataque nuclear contra os alienígenas. Não podemos arriscar permanecerem *ativos* em nossa atmosfera.

Aquela frase congelou o sangue nas veias de Andrew Stevens. Sabia que custaria muitas vidas. As ogivas que as aeronaves carregavam eram potentes. Causariam um desastre de proporções épicas.

“O que mais podemos fazer?”

– Não.... Repito: ...lança... Aqui é Águia azul: ...lançamento das ogivas... Repito: a...tar. O ataque... vem... Os... foram lançados do...

– Repita, Águia Azul – falou o comando.

– O ataque é contra Clarke! Repito...

“Jesus Cristo...”

– Atenção todas as aeronaves. Abortar o lançamento de ogivas nucleares. Aqui é Base, cancelando a autorização de uso de armamentos nucleares. Repetindo. Abortar o ataque à 2074-E...

“Alguém iniciou uma guerra intergaláctica propositalmente? Mas o que...”

O sentimento desencadeado foi dúbio. De um lado, Andrew Stevens aliviou-se por não terem sido os extraterrestres a atacarem os humanos. Mas de outro, alguém os atacou. E revidariam.

No final, a situação era delicada e séria em qualquer das opções.

“Quem agiria de forma tão vil e irresponsável?”

Na reunião cibernética Governamental deram falta do chanceler da Organização Europeia. A coincidência era demasiada. Certa animosidade cresceu nos membros do Conselho em relação à facção belicosa.

– Quem começou a guerra é o que menos importa, senhores. O que a tripulação da 2074-E fará a respeito é o que realmente me preocupa – comentou Andrew Stevens.

Após análise dos objetos, a notícia foi terrível.

– São doze mísseis *Tsar-T*, senhor – falou um dos assessores, ligado ao Comando Mundial Militar.

– Mas como? Não é possível...

O terror que se apoderou de Andrew Stevens era justificado. Os *Mísseis Intercontinentais Manobráveis Tsar-T*, conhecidos como MIMT-T, eram resquício da corrida armamentista nuclear mundial de mais de 60 anos atrás. Foram banidos. Os então existentes, desmontados.

O nome era homenagem à Bomba Atômica Russa *Tsar*, que ainda ostentava o título de mais poderosa arma nuclear detonada. Gerara potência de 50 Megatons, 103 anos atrás. Os MIMT-T eram equipados com ogivas nucleares capazes de gerar a potência aproximada de 400 Megatons por míssil. Equivaliam a 25.000 vezes a intensidade da bomba atômica *Little Boy*, detonada na cidade de *Hiroshima*, Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. Em conjunto, os doze mísseis que caçavam a 2074-E eram capazes de criar uma explosão 24 vezes mais potente do que a famosa erupção na ilha de *Krakatoa*, Indonésia.

A mais violenta erupção vulcânica de toda a história registrada humana.

“A detonação dessas ogivas nucleares no espaço aéreo perto de *Budapeste* terá consequências terríveis.”

As cidades de *Viena*, *Zagreb*, *Cracóvia* e *Belgrado*, além de vilarejos e pequenas cidades nas cercanias, e da própria *Budapeste*, seriam incineradas. *Zurique*, *Berlim*, *Munique*, *Dresdem*, *Varsóvia*, *Lvov*, *Skopje*, *Sófia*, *Podgorica*, *Tirana*, *Sarajevo*, *Liubliana*, *Praga* e *Bucareste* sustentariam severos danos.

“A nuvem radioativa cobrirá a Europa rapidamente. Catástrofe...”

A CIBERNET recebeu gigantesca descarga de imagens e informações acerca do início da guerra. Em momentos, o mundo inteiro cientificou-se do que acontecia no espaço aéreo Húngaro.

Estarrecedora a imagem dos mísseis rasgando o céu de Budapeste, caçando a 2074-E. Doze trilhas de fogo e fumaça maculavam o límpido céu noturno. O enorme e agressivo barulho das turbinas propulsoras era escutado a quilômetros. Contrastava com o elegante silêncio dos motores que impulsionavam a 2074-E.

Mundo afora, inúmeras pessoas irromperam em choro. Não conseguiram conter a angústia ao terem consciência da deflagração do confronto.

Outras, tomadas por total desespero, ganharam as ruas das cidades aos berros de ‘*O mundo vai acabar*’ e ‘*Salve-se quem puder*’. Alguns beatos e religiosos arriscaram profetizar ‘*O apocalipse se avizinha*’.

Nas ruas, o contingente militar era considerável. Ainda assim, as forças armadas tiveram dificuldade para conter a explosão anárquica que num ímpeto tomou conta da população mundial.

Caos total.

Desenvolvendo 5.000 km/h, os Tsar-T ganhavam terreno rapidamente em relação a seu alvo.

“A espaçonave pode acelerar e mudar a trajetória. Sairá facilmente do alcance dos mísseis.”

Mas, contrariando a previsão de Andrew Stevens, ela não assumiu qualquer reação em sua defesa.

“Será que sabem tratar-se de armas perigosíssimas? Podem percebê-las como outras aeronaves terrestres ou algum outro tipo de locomoção aérea de vigilância... A exemplo da inofensiva S.E.V.L. 04. E se não conseguem acelerar bruscamente em virtude do atrito atmosférico?”

Situação tensa.

As aeronaves de escolta assumiram distância segura.

A 2074-E continuava com trajetória inalterada, alheia ao iminente perigo. Ia diretamente de encontro às ogivas nucleares.

“Mudem trajetória, Deus do Céu!”

Segundos para os impactos.

Mísseis e 2074-E no mesmo campo de visão dos espectadores oculares.

O barulho das doze turbinas era ensurdecedor.

Mas algo sobressaiu ao intenso ruído.

Um som metálico, como que de sintetizadores.

– Que diabos é isso? Parecem robôs conversando... – Andrew Stevens exprimiu os pensamentos em voz alta.

E, na iminência das detonações, testemunhou o inacreditável.

“Seremos conquistados!”